

ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL: um exercício de escrita no campo dos museus

ANNALS OF THE NATIONAL HISTORICAL MUSEUM: a writing exercise in the field of museums

Ana Carolina Gelmini de Faria*

Resumo: O artigo investiga os Anais do Museu Histórico Nacional, periódico brasileiro da instituição de mesmo nome que possui, até o momento, 51 volumes publicados. Para compreender como os agentes vinculados ao Museu Histórico Nacional se apropriaram dos Anais o tema educação em museus foi selecionado com o propósito de um aprofundamento analítico, com ênfase na primeira fase da revista (1940-1975), sendo escolhidos três artigos relacionados ao tema: Papel Educativo do Museu Histórico Nacional, de Nair de Moraes de Carvalho, publicado no oitavo volume (organizado em 1947 e impresso em 1957); O Museu e a Criança, assinado por Sigrid Pôrto de Barros no nono volume dos Anais (estruturado em 1948 e impresso em 1958); e Nova Diretriz para o Museu, de Dulce Cardozo Ludolf, que compôs o décimo terceiro volume, de 1964 (embora organizado em 1952). O trabalho identifica que os Anais do Museu Histórico Nacional foram um instrumento difusor de conhecimento especializado e legitimador da instituição no campo dos museus, considerado uma referência para museus históricos. Conclui-se que é possível compreender os Anais na perspectiva do conceito documento-monumento, pois enquanto monumento é elemento de perpetuação da trajetória do Museu Histórico Nacional, suporte de uma memória coletiva e, na condição de documento, é fonte de pesquisa que sob métodos científicos permite identificá-lo enquanto produto dos agentes que o fabricou.

Palavras-chave: Anais do Museu Histórico Nacional. Educação em Museus. Nair de Moraes de Carvalho. Sigrid Pôrto de Barros. Dulce Cardozo Ludolf.

Abstract: The article investigates the *Anais do Museu Histórico Nacional* (Annals of the National Historical Museum), Brazilian journal of the institution of the same name that has, to date, 51 published volumes. To understand how the agents linked to the National Historical Museum appropriated the Journal the theme education in museums was selected for the purpose of an analytical deepening, with emphasis on the first phase of the magazine (1940-1975), three articles related to the theme were chosen: Educational Role of the National Historical Museum, by Nair de Moraes de Carvalho, published in the eighth volume (organized in 1947 and printed in 1957); The Museum and the Child, signed by Sigrid Pôrto de Barros in the ninth volume of the publication (structured in 1948 and printed in 1958); and New Guideline for the Museum, by Dulce Cardozo Ludolf, that composed the thirteenth volume, of 1964 (although organized in 1952). The work identifies that the *Anais do Museu Histórico Nacional* was a diffuser instrument of specialized knowledge and legitimizing the institution in the field of museums, considered a reference for historical museums. It is concluded that it is possible to understand the Journal from the perspective of the document-monument concept, because as a monument it is an element of perpetuation of the trajectory of the National Historical Museum, support of a collective memory and, as a document, it is a source of research that, under scientific methods, allows it to be identified as a product of the agents that manufactured it.

* Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do curso de bacharelado em Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e da Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade (PPGMusPa/UFRGS). Coordenadora do projeto de pesquisa "O CAMPO DOS MUSEUS BRASILEIRO: uma História dos Museus a partir da atuação de seus agentes", vinculado à PROPESQ/UFRGS. Integrante dos grupos de pesquisa do CNPq Escritas da história em museus e Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio. E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br

Key-words: Annals of the National Historical Museum. Education in Museums. Nair de Moraes de Carvalho. Sigrid Pôrto de Barros. Dulce Cardozo Ludolf.

1 O EXERCÍCIO DA ESCRITA NOS MUSEUS

Os museus atuam potencialmente com a cultura material. Se retrocedermos para o cenário de criação dos primeiros museus brasileiros essa é uma característica em comum nos museus dos oitocentos e início do século XX no Brasil: o enfoque na constituição de coleções. Museu Real (1818), Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), Museu Paranaense (1876), Museu Botânico do Amazonas (1883), Museu Paulista (1894) e Museu Júlio de Castilhos (1903) são exemplos das primeiras instituições brasileiras fundadas que, pelo viés das Ciências Naturais, atuaram na produção de conhecimento a partir da perspectiva da história visual.

Interessante observarmos que a característica do acervo das referidas instituições, bem como suas posturas de museus de caráter enciclopédico e busca por incremento das coleções, favoreceram intercâmbios institucionais de diferentes naturezas, caracterizados pela troca de acervos, pesquisas e informações acompanhando, assim, a internacionalização das ciências. Maria Margaret Lopes nos oferece um panorama deste período a partir das atividades do Museu Emílio Goeldi:

Dos boletins, editados em número de 1500 exemplares, 222 eram distribuídos para o Brasil e a Biblioteca do Museu Goeldi recebia em virtude das permutas periódicos de cerca de cem instituições científicas de todo o mundo, como dos Jardins Botânicos do Ceilão e de Sydney na Austrália e do Jardim Zoológico de Gaza no Egito. A título de exemplo, em 1909 foram recebidos periódicos dos seguintes Museus: La Plata; Museu Rocha do Ceará; Museu Nacional do Chile; Museum of Comparative Zoology; Museum of the Brooklyn Institute of Arts and Science; American Museum of Natural History; os Anales del Museo Nacional de S. Salvador; dos Museus Zoológico e Etnográfico de Berlim; do Museu de História Natural de Marselha; do Museu da Universidade de Zurique; do Natal Government Museum e do South African Museum, África; Além da revista *The Museums News* Maria (LOPES, 1997, p.261).

Michele de Barcelos Agostinho (2016) reitera esse processo de intercâmbio entre museus especialmente ao se referir à Revista Arquivos do Museu Nacional, criada em 1876 e que teve uma ampla abrangência com suas edições alcançando até 218 cidades situadas em 31 países, de acordo com seu mapeamento de uma década (1877-1886) (Figura 1). Segundo a autora, ao fim de cada volume era publicada a relação de obras

recebidas pelo Museu nessa permuta, o que indica uma relação ativa com esses espaços culturais:

O impresso científico do Museu serviu para difundir entre os pares a produção de um conhecimento especializado. [...] entendemos os Arquivos do Museu como um veículo de difusão científica, tendo em vista que sua materialidade, a forma de escrita, as ilustrações técnicas, a não comercialização, os espaços por onde circulou e a recepção entre os frequentadores destes espaços nos mostram a intenção dos seus produtores: a difusão ampla e especializada do conhecimento (AGOSTINHO, 2016, p.797-798).



Figura 1 - Países de proveniência das obras enviadas e recebidas pelo Museu Nacional entre 1877-1886. Fonte: AGOSTINHO, 2016, p.803.

O intercâmbio de informações estimulou a elaboração de periódicos por parte dos museus, muitas vezes idealizados em seus decretos de criação. Um exemplo no Brasil é o Museu Histórico Nacional, objeto de estudo desta pesquisa, que teve nos Anais do Museu Histórico Nacional uma ferramenta de difusão de conhecimento especializado, bem como uma expansão de visibilidade e contatos por parte dos agentes da instituição.

Previsto desde 1922, ano de criação do Museu Histórico Nacional pelo artigo 38 do decreto n.15596, o primeiro volume dos Anais só foi lançado em 1941, sendo relativo ao ano de 1940; as defasagens entre a edição do volume e sua publicação se tornaram recorrentes até o ano de 1964, ainda divulgando artigos que foram escritos em 1953, devido à obrigatoriedade de espera na lista de atendimento da Imprensa Nacional, editora do periódico. Os dois anos são apresentados na capa dos Anais, acima o ano

de organização do volume e abaixo, junto à editora, o ano da impressão (Figura 2). Em 1976 foi suspensa a publicação, retomada somente em 1995.

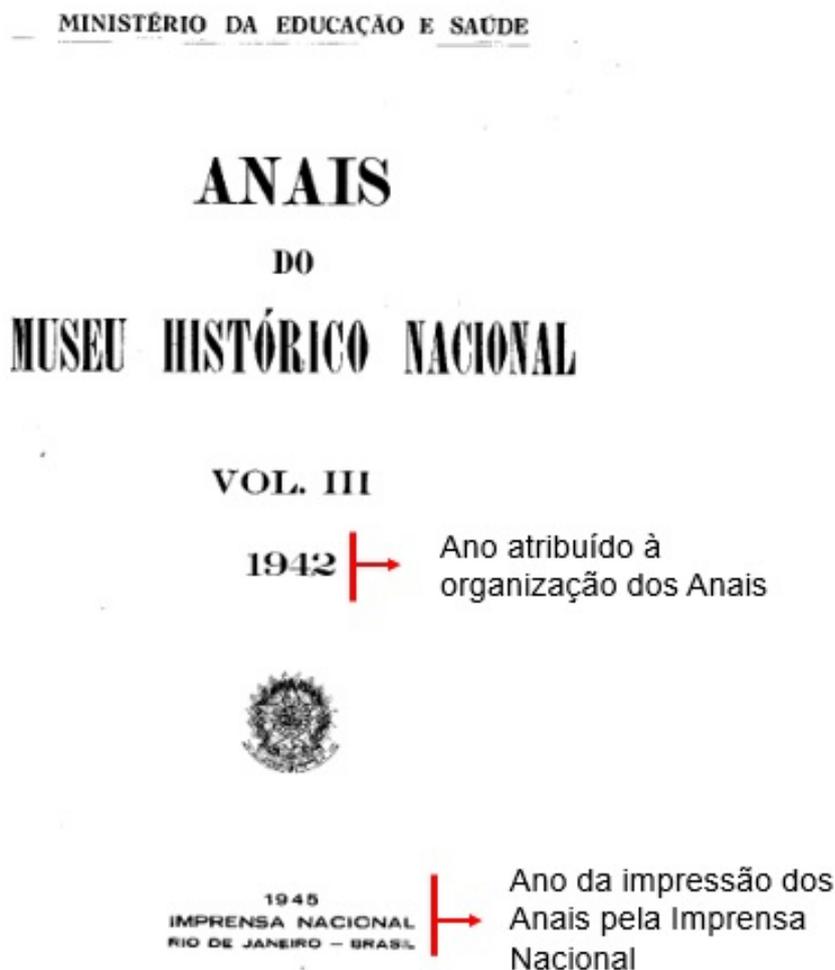


Figura 2 - Capa do volume III dos Anais do MHN com detalhes da produção. Fonte: BRASIL, [1942] 1945.

De acordo com Aline Montenegro Magalhães (2006), os volumes dos Anais tornaram-se um órgão de difusão das atividades de pesquisa desempenhadas pelo Museu Histórico Nacional, apresentando os trabalhos realizados sobre os acervos, as biografias de “vultos ilustres” e de fatos históricos:

A disciplinarização das técnicas de museus dava credibilidade ao trabalho historiográfico na montagem das exposições, pois adequava-se ao regime de historicidade que vigorava na época, ou seja, preocupado com a pesquisa empírica, feita a partir de fontes autênticas e voltadas para a comprovação da verdade de como os fatos aconteceram efetivamente. Nessa perspectiva, a preocupação com a objetividade e a imparcialidade é muito presente nos trabalhos

publicados nos Anais, que costumam conferir ao objeto toda a capacidade de falar sobre o passado (MAGALHÃES, 2006, p.84).

O corpo funcional do Museu Histórico Nacional teve a preocupação de registrar e disseminar os conhecimentos produzidos em nome da instituição. Assim, a escrita, por exemplo, foi um importante aliado para preservar sob a perspectiva institucional suas ações ao longo de sua trajetória, bem como inserir o próprio Museu nas discussões das diferentes áreas que permeiam o campo dos museus em perspectiva nacional e internacional.

Conforme Afonsina Maria Augusto Moreira (2006) analisa, os artigos produzidos pela equipe contribuíram para legitimar a história contada a partir da cultura material, construindo uma escrita de valorização do pioneirismo da instituição, do valor dos objetos preservados e da relevância do profissional conservador de museu¹, movimento que produziu tanto uma memória da instituição como a disseminação de um perfil científico às experiências museológicas. Por mais que em 1922 fossem previstas publicações de funcionários e externos, foi o corpo funcional técnico, e conseqüentemente que compôs o quadro docente do Curso de Museus², que se apropriou desta ferramenta de propagação de discursos. Como Magalhães (2006) evidencia, ao ler os artigos é possível observar que cada conservador se especializava em uma área e escrevia sobre esta especialidade:

[...] Edgard Romero, Alfredo Solano de Barros, Fortunée Levy e Dulce Ludolff escreviam Numismática; Agyone Costa, Arqueologia; Meneses de Oliva, Arte e Iconografia; Jenny Dreyfus, Heráldica; especialmente porcelanas brasonadas; Herculano Matias, documentação dos séculos XVIII e XIX; Sigrid Porto de Barros, armaria e educação em museus; Clóvis Bornay, biografia (MAGALHÃES, 2006, p.85).

Em relatório especial sobre as atividades do período de 1930 a 1944, Gustavo Barroso, então diretor da instituição³, evidenciou a importância dos Anais como “[...]”

¹ Título atribuído aos diplomados do Curso de Museus. A formação tinha por prioridade atender as necessidades, em um primeiro momento, do Museu Histórico Nacional, instituição na qual o Curso de Museus foi vinculado de 1932 a 1978 e, após a reforma curricular de 1944, suprir os museus brasileiros. Em 1951, o diploma passou a ter mandato universitário, conforme acordo com a então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A profissão foi regulamentada legalmente em 1984, configurando uma nova categoria profissional.

² O Curso de Museus, fundado no Museu Histórico Nacional, visava formar profissionais especializados para o trabalho nos museus com o título de conservadores de museus. Somente em 1966 que esses formandos passaram a ser oficialmente intitulados de museólogos, conforme decreto 58800/1966. Na gestão do comandante Léo Fonseca e Silva (1967-1970) o Curso passou a denominar-se informalmente Escola Superior de Museologia e, em 1977, foi incorporado à Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro - FEFIERJ, atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Parte expressiva do corpo funcional do Museu Histórico Nacional constituiu o corpo docente do Curso de Museus.

³ Gustavo Barroso foi diretor do Museu Histórico Nacional de 1922 (ano de criação da instituição) a 1930 e 1932 a 1959 (ano de falecimento).

interesse para a coletividade e para os estudiosos das coisas do nosso passado, suscitando no País mais viva curiosidade pela cultura histórica do Brasil” (BRASIL, 1944[?], p.5-6), utilizando como justificativa as solicitações de remessas e agradecimentos pelo envio do primeiro volume, além dos termos elogiosos sobre a iniciativa dita por ele acertada do Museu Histórico Nacional, despertando “[...] viva curiosidade pela cultura histórica de nosso País” (BRASIL, 1944a, p.3).

Embora também tenha sido um instrumento de enaltecimento das ações promovidas pela instituição e, especialmente, seu diretor, Gustavo Barroso - mesmo não sendo permitido por normas “elogios a qualquer personalidade viva” (BARROSO, 1997, p.289) - os Anais foram um veículo impresso que amparou pesquisas e discursos dos técnicos e docentes do Museu Histórico Nacional, evidenciando um trabalho contínuo por parte destes pesquisadores que tinha por objetivo o potencializar como periódico de museus históricos para o campo dos museus. No relatório de atividades anuais do ano de 1948, Barroso apresenta trecho de uma reportagem da *Revista do Comércio* sobre o IV volume dos Anais do Museu Histórico Nacional, evidenciando sua importância não só para os estudiosos de museus, mas sim para qualquer pessoa interessada pelos bens culturais do País:

Mais um volume dos Anais do Museu Histórico Nacional está publicado; é o quarto volume e se refere a 1943. Muito embora o atraso com que vem sendo publicado este anuário, é fora de dúvida a importância que tem para os estudiosos da história nacional. Suas páginas inserem excelentes matérias, abordando problemas do mais vivo interesse acerca da história militar, social, artística e financeira (REVISTA DO COMÉRCIO, 1948[?], apud BRASIL, 1949, p.II-III).

Rafael Zamorano Bezerra (2014, p.25) observa que o exercício de consolidar uma história visual por meio da escrita aproximava os resultados obtidos nos Anais do Museu Histórico Nacional das ações realizadas pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, mas com ênfase na cultura material, a fim de certificar a autenticidade científica do patrimônio histórico: “Joaquim Norberto, Oliveira Lima, Visconde de Porto Seguro, Vieira Fazenda, Pedro Calmon, Edgar Romero [...] são recorrentes nas referências [...] embasando pesquisas que visavam à certificação ou não da autenticidade histórica de diversos objetos do acervo do Museu”.

Na próxima seção um panorama dos Anais será apresentado com o objetivo de explorar o perfil do periódico, buscando indícios que marcam as características de suas duas fases de publicação: anos de 1940 a 1975 e, após pausa de duas décadas, 1995 ao ano vigente.

2 OS ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

O Museu Histórico Nacional possui diferentes espaços de salvaguarda de fontes de pesquisa bibliográficas e arquivísticas para investigações de suas atividades institucionais, a exemplo da Biblioteca e do Arquivo Institucional. Além do espaço físico, ressalta-se que a instituição, por meio de projetos de difusão das publicações institucionais dispõe, com o apoio da empresa *DocPro*, uma Biblioteca Virtual que permite o acesso a importantes documentos da trajetória do Museu⁴.

Disponibilizando o acesso e o download de obras de referência da instituição, a Biblioteca Virtual permite a busca, até o momento, em nove conjuntos temáticos: [1] Anais do Museu Histórico Nacional; [2] Coleção de Indumentária; [3] Livro de Ouro comemorativo do Centenário da Independência do Brasil e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1822 - 1922-23; [4] Livro dos Seminários Internacionais; [5] Catálogos de Exposições e outras publicações do Museu Histórico Nacional; [6] Cartazes de Exposição; [7] Processos de Entrada de Acervo; [8] Relatórios, Curso de Museus e Acervo Gustavo Barroso; e [9] Coleções do Arquivo Histórico (Figura 3).

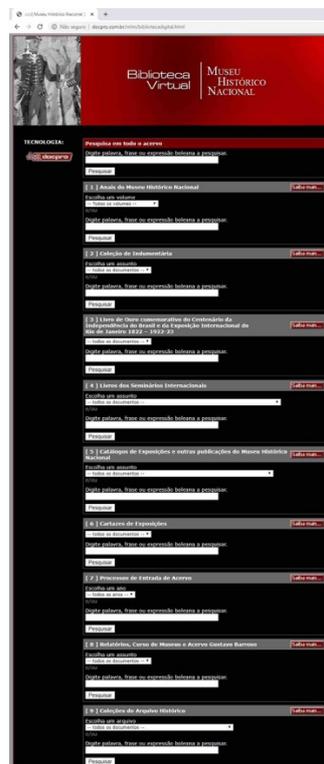


Figura 3 - Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional. Fonte: Disponível em: <http://www.docpro.com.br/mhn/bibliotecadigital.html>. Acesso em: maio de 2020.

⁴ Para conhecer a Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, sugere-se consultar o link disponível em: <http://www.docpro.com.br/mhn/bibliotecadigital.html>. Acesso em maio de 2020.

Até a finalização da produção desse artigo 48 edições foram disponibilizadas para consulta na Biblioteca Virtual. A partir do volume 49 os Anais do Museu Histórico Nacional foram publicados na plataforma *Open Journal Systems* (OJS)⁵, software que disponibiliza todos os volumes do periódico⁶ (Figura 4).

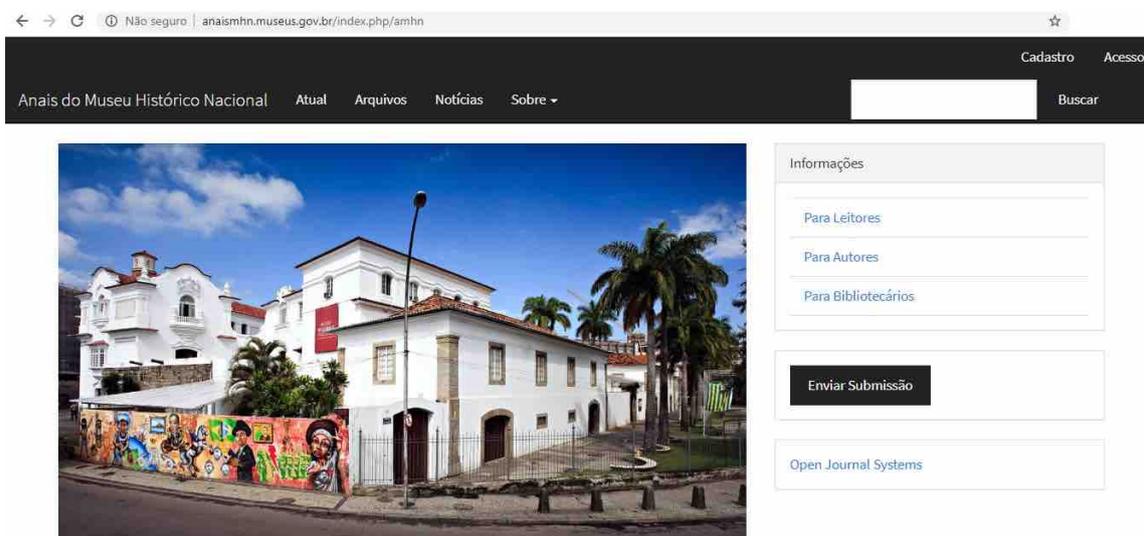


Figura 4 - Anais do Museu Histórico Nacional na plataforma OJS. Fonte: Disponível em: <<http://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn>>. Acesso em: maio de 2020.

O volume 49 foi o último impresso. No momento do encerramento do artigo totalizam 51 volumes dos Anais do Museu Histórico Nacional. A apresentação dos editores na plataforma OJS permite conhecer o perfil do periódico:

Os Anais do Museu Histórico Nacional (AMHN) são uma publicação voltada para as áreas de História, Patrimônio e Museologia. Sua primeira edição foi em 1940, sendo publicada quase que regularmente até o ano de 1975. Em 1995, a publicação foi retomada já assumindo as características de um periódico científico anual, tendo como editor, na época, o historiador José Neves Bittencourt. Em 2007, a responsabilidade pelas edições passou para os professores Rafael Zamorano Bezerra e Aline Montenegro Magalhães e, a partir de 2016, o professor Álvaro Marins passou a compartilhar com eles a mesma responsabilidade. Trata-se de uma referência acadêmica no campo da pesquisa sobre Museus, História, Museologia e Patrimônio. [...] Cabe ressaltar que ao longo da edição dos volumes, além da chamada pública contínua, nunca deixamos de abrir espaço também para a publicação eventual de textos acadêmicos ou técnicos produzidos por pesquisadores do MHN, sejam eles servidores, funcionários terceirizados, estagiários ou bolsistas. Tal orientação editorial busca manter uma tradição dos AMHN, de ser um espaço de divulgação das

⁵ “O Open Journal Systems (OJS) é um software de gerenciamento e publicação de revistas eletrônicas, desenvolvido no âmbito do Public Knowledge Project (PKP). Foi originalmente traduzido, suportado e disseminado no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), sendo recomendado pela CAPES e amplamente aceito pela comunidade brasileira de editores científicos”. (O QUE É, s.d., doc. eletr.)

⁶ Para conhecer as edições dos Anais do Museu Histórico Nacional, sugere-se consultar o link disponível em: <http://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn>. Acesso em maio de 2020.

práticas e reflexões históricas e museológicas produzidas na própria instituição (SOBRE A REVISTA, s.d., doc. eletr.).

O texto editorial reforça as áreas de enfoque dos Anais do Museu Histórico Nacional, bem como sua trajetória que culmina em um periódico científico. Destaca-se, ainda, o perfil de um canal de difusão do trabalho desenvolvido pela instituição. Como salientam, é possível dividir os volumes em duas fases: 1940 a 1975 e 1995 a 2019.

Como referido anteriormente, os 26 primeiros volumes tiveram, até o número 14, um hiato entre ano de produção e ano de impressão chegando a uma década de diferença. Só houve a normalização entre produção e publicação na década de 1960, mais precisamente 1965. Destes volumes, o menor possui 92 páginas (volume 11, com texto único, referente a um catálogo de moedas) e o mais extenso 588 páginas (volume 4, com 13 artigos + colaboração especial + apêndices) (Quadro 1).

Quadro 1 - Detalhamento da primeira fase dos Anais do Museu Histórico Nacional (1940-1975)

VOLUMES	MONOGRAFIAS PUBLICADAS	PÁGINAS (TOTAL)
v.1 produção: 1940 impressão: 1941	15 artigos + apêndices	238
v.2 produção: 1941 impressão: 1943	16 artigos + apêndices	398
v.3 produção: 1942 impressão: 1945	10 artigos + apêndices	452
v.4 produção: 1943 impressão: 1947	13 artigos + colaboração especial + apêndices	588
v.5 produção: 1944 impressão: 1955	1 texto [relato com 25 seções]	211
v.6 produção: 1945 impressão: 1950	11 artigos + apêndice	415
v.7 1953	1 texto [documentário iconográfico]	165
v.8 produção: 1947 impressão: 1957	9 artigos + apêndice	229
v.9 produção: 1948 impressão: 1958	9 artigos	156
v.10	6 artigos	327

produção: 1949 impressão: 1959		
v.11 produção: 1950 impressão: 1960	1 texto [catálogo de moedas]	92
v.12 produção: 1951 impressão: 1952	1 texto	201
v.13 produção: 1952 impressão: 1964	9 artigos + apêndice	234
v.14 produção: 1953 impressão: 1964	7 artigos + apêndice	237
v.15 1965	apresentação + 9 artigos	235
v.16 1966	10 artigos	271
v.17 1967	3 artigos	76
v.18 1968	1 texto	152
v.19 1968	10 artigos	254
v.20 1968	5 artigos	147
v.21 1969	10 artigos	170
v.22 1971	9 artigos + relatório preliminar	166
v.23 1972	apresentação + 9 artigos	135
v.24 1973	8 artigos	190
v.25 1974	11 artigos	191
v.26 1975	10 artigos	180

Fonte: Da autora, 2020.

De acordo com José Neves Bittencourt (2010) o Museu Histórico Nacional, especialmente dos primeiros anos dos Anais, era uma instituição dedicada a recuperar um passado nacional, portanto, a equipe curatorial do período destacava-se pelo conhecimento aprofundado sobre os objetos que constituíram o acervo: “Esse conhecimento, além de erudito, também significava, em grande medida, expressar a adesão teórica, conceitual e política da instituição” (Idem, p.20). Para explorar mais esse período foi organizado um mapeamento de autorias nos 26 primeiros volumes, que contemplam a primeira fase da revista (Quadro 2):

Quadro 2 - Autores que publicaram texto nos Anais do Museu Histórico Nacional (1940-1975)

AUTORIA(S)	PUBLICAÇÕES NOS ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (1940-1975)
Adolpho Dumans	v.1, v.2, v.3, v.4 Total: 4
Alfredo Solano de Barros	v.1, v.2, v.4, v.6 Total: 4
Alfredo Teodoro Rusins	v.1, v.2 Total: 2
Afonso Celso Villela de Carvalho	v.22, v.23, v.24, v.25, v.26 Total: 5
Angyone Costa	v.1, v.2, v.3, v.4, v.6 Total: 5
Antonio Pimentel Winz	v.8, v.9, v.10, v.13, v.14, v.15, v.16, v.19, v.21 Total: 9
Augusto Maurício	v.16, v.24, v.25 Total: 3
Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança	v.12, v.21 Total: 2
Clóvis Bornay	v.14, v.15, v.19 Total: 3
Cursino Raposo	v.24 Total: 1
Dirceu Pinho França	v.26 Total: 1
Donato Mello Júnior	v.22 Total: 1
Dulce Ludolf Cury	v.6, v.8, v.13, v.14, v.19, v.23, v.25 Total: 7
Ecyla Castanheira Brandão	v.9, v.10 Total: 2
Edgar de Araujo Romero	v.1, v.2, v.3, v.4, v.6, v.11 Total: 6
Emília Dyer + Catarina Eleonora Ferreira da Silva	v.26 Total: 1
Enéas Martins Filho	v.21 Total: 1
Enrico Schaeffer	v.20, v.22 Total: 2
Fábio Freixeiro	v.24, v.25 Total: 2
Francisco de Paula e Azevedo Pondé	v.17, v.22, v.26 Total: 3
Fortunée Lévy	v.1, v.2, v.3, v.4, v.6, v.8 Total: 6
Gerardo A. de Carvalho	v.9, v.10, v.19 Total: 3
Gilda Marina de Almeida Lopes	v.8, v.9, v.13, v.15, v.16, v.19, v.21, v.23, v.24 Total: 9
Gustavo Barroso	v.1, v.2, v.3, v.4, v.5, v.6, v.7, v.8, v.9, v.10, v.15 Total: 11

Herculano Gomes Mathias	v.13, v.14, v.15, v.16, v.21, v.23, v.24, v.25, v.26 Total: 9
Jenny Dreyfus	v.1, v.2, v.3, v.4, v.6, v.9, v.13, v.14, v.15, v.20, v.21, v.23, v.25 Total: 13
João Manoel de Sequeira	v.20 Total: 1
Joaquim de Souza Leão	v.21, v.22 Total: 2
José Francisco de Assumpção Santos	v.14 Total: 1
José Jansen	v.21 Total: 1
Josué Montello	v.15 [apresentação], v.16, Total: 2
Lauryston Guerra	v.23, v.25, v.26 Total: 3
Luiz Marques Poliano	v.1, v.2, v.4, v.23, v.25 Total: 5
Marco Paulo Alvim	v.22 Total: 1
Marfa Barbosa Vianna	v.6, v.8, v.13, v.15, v.19 Total: 5
Maria Bernadete Fernandes Gonçalves	v.25, v.26 Total: 2
Maria de Lourdes Rodrigues de Carvalho	v.16, v.22 Total: 2
Maria Eliza Carrazzoni	v.16, v.19 Total: 2
Maria Laura Ribeiro	v.8, v.16, v.19, v.23 Total: 4
Mario Barata	v.2, v.14 Total: 2
Mário Ferreira França	v.22 Total: 1
Menezes de Oliva	v.1, v.2, v.4 Total: 3
Nair de Moraes Carvalho	v.1, v.2, v.3, v.4, v.6, v.8, v.9, v.10, v.15 Total: 9
Nicolau Del Negro	v.24 Total: 1
Nilza Maria Vilela Botelho	v.1, v.2, v.3, v.4 Total: 4
Octávia de Castro Corrêa	v.1, v.2, v.4, v.6, v.9, v.13 Total: 6
Orlando L. M. de Moraes Rego	v.22 Total: 1
Paulo Olynto	v.1, v.2, v.3 Total: 3
Pedro Calmon	v.17 Total: 1
Rejane Maria Lobo Vieira	v.26 Total: 1
Sigrid Porto de Barros	v.8, v.9, v.10, v.13, v.19 Total: 5

Therezinha de Moraes Sarmiento	v.13, v.15, v.16, v.19, v.21
	Total: 5
Umberto Peregrino	v.16, v.17, v.20, v.25
	Total: 4
[Frei] Venâncio Willeke OFM	v.24
	Total: 1
Waldemar de Almeida Braga	v.20, v.25
	Total: 2
Yolanda Marcondes Portugal	v.1, v.2, v.3, v.4, v.6
	Total: 5
[texto institucional?]	v.18, v.23
	Total: 2

Fonte: Da autora, 2020.

Identifica-se nessa primeira fase uma ampla participação do corpo funcional na produção de textos para os Anais, o que evidencia um incentivo à pesquisa de temas voltados ao campo dos museus e do patrimônio tendo o próprio Museu Histórico Nacional como estudo de caso. Sobre o primeiro volume, Bittencourt (2004, p.186) avalia:

Os autores são todos conservadores, alguns já com muitos anos de atuação no Museu: Edgar de Araújo Romero, Joaquim Menezes de Oliva e Luís Marques Poliano eram, nessa época, seus mais importantes funcionários. Os outros, sem exceção, recém-formados pelo Curso de Museus, iniciavam carreira na repartição.

Entre os volumes produzidos no período de 1940 a 1975 a conservadora de museus Jenny Dreyfus foi a autora que mais publicou no periódico (13 volumes), seguida do primeiro diretor, Gustavo Barroso (11 volumes), que publicou nos dez primeiros volumes ininterruptamente, período em que foi o supervisor dos Anais, e parou sua produção em decorrência do seu adoecimento e subsequente falecimento no final da década de 1950. Magalhães (2004, p.114) pondera: "[...] Barroso conseguiu, entre estudos sobre o acervo museológico e a história dos grandes homens, imprimir nas páginas da publicação do Museu Histórico Nacional uma parte considerável de suas memórias".

Nessa perspectiva, Myrian Sepúlveda dos Santos (2006, p.50, grifo meu) afirma: **“Seus autores são, a um só tempo, funcionários do Museu e professores do curso que lá funcionava.** Moedas comemorativas, mobiliário luso-brasileiro, forca de Tiradentes, heráldica, louça imperial, enfim, tudo é motivo de especulação”. Reforça-se, também, a participação de funcionárias na produção escrita desde a primeira edição, muitas delas com uma intensa contribuição, a exemplo de Jenny Dreyfus, anteriormente citada, Gilda Marina de Almeida Lopes e Nair de Moraes Carvalho, ambas com monografias em nove edições.

Supõe-se que manter vínculos institucionais oportunizava uma abertura para o compartilhamento de produções acadêmicas no periódico. De acordo com Bittencourt (2004) sendo o Museu Histórico Nacional criado em 1922, o acervo já tinha no ano de publicação do primeiro volume dos Anais, em 1942, expressivos estudos que passaram, conseqüentemente, a integrar o periódico. Para o autor, a regularidade dos Anais também está vinculada à consolidação do Curso de Museus, que já tinha formado sete turmas até o momento da produção do primeiro volume, em 1940 (BITTENCOURT, 2004). Um exemplo é o professor do Curso de Museus Affonso Celso Villela de Carvalho, que iniciou sua participação nos Anais publicando no volume 22 e submeteu textos ininterruptamente até o volume 26, última dessa primeira sequência. Sobre a produção da segunda metade do século XX Santos (2006, p.50) avalia: "A ênfase nos estudos de objetos vai pouco a pouco perder espaço para ensaios sobre fatos históricos, estudos genealógicos e comentários não obrigatoriamente ligados de forma direta ao acervo". Bittencourt (2004, p.188) aponta que nesse período há a novidade de aparecerem "[...] textos que podem ser claramente classificados como 'técnicos', versando sobre o que hoje chamaríamos 'museologia' e 'tratamento técnico de acervos'".

Os Anais do Museu Histórico Nacional tiveram um hiato de duas décadas sem publicação. Bittencourt (2010, p.13) evidencia o contexto que culminou a interrupção do periódico:

O desaparecimento da publicação tinha sido um dos sinais da crise que viria a se abater fortemente, sobre a instituição, no final da década de 1970. É certo que a penúria de recursos foi um dos principais motivos da morte dos "Anais", mas não foi o único. O último volume, de número 26, fechou o que se pode ser considerado a "primeira série" da publicação, iniciada em 1940, com volume I. Morte melancólica depois de longa agonia, que acompanhou a decadência institucional, marcada pela esclerose que tomou conta do Museu, quando o país vivia sob um regime de exceção.

Bittencourt (2010) aponta que em 1995 o Museu Histórico Nacional passou por um processo de revitalização que culminou no reencontro da instituição com seu próprio periódico. Estando o campo dos museus e a própria instituição em um outro momento temporal, social e cultural, o periódico precisou ser repensado editorialmente para iniciar sua segunda fase de publicação, iniciada em 1995 (Quadro 3):

Quadro 3 - Detalhamento da segunda fase dos Anais do Museu Histórico Nacional (1995-2019)

VOLUMES	ARTIGOS PUBLICADOS	PÁGINAS (TOTAL)
v.27 1995	8 artigos + apêndices	155
v.28 1996	11 artigos	202
v.29 1997	apresentação + 13 artigos	306
v.30 1998	apresentação + 16 artigos	296
v.31 1999	15 artigos	290
v.32 2000	18 artigos	343
v.33 2001	apresentação + 18 artigos	290
v.34 2002	apresentações ¹ + 25 artigos	426
v.35 2003	apresentações + 27 artigos	458
v.36 2004	apresentações + 15 artigos	306
v.37 2005	apresentações + 17 artigos	337
v.38 2006	apresentações + 15 artigos	282
v.39 2007	apresentações + 26 artigos	529
v.40 2008	apresentações + 26 artigos	551
v.41 2009	apresentações + 16 artigos	303
v.42 2010	apresentações + 14 artigos	245
v.43 2011	apresentação + 13 artigos	282
v.44 2012	apresentação + 16 artigos	332
v.45 2013	apresentação + 10 artigos	352
v.46 2014	apresentação + 7 artigos	286
v.47 2015	apresentação + 10 artigos	304
v.48 2016	apresentação + 6 artigos	324
v.49 2017	apresentações + 12 artigos	272
v.50 2018	apresentações + 10 artigos	200
v.51 2019	apresentações + 12 artigos	239

¹No plural, refere-se à apresentação do volume e dos respectivos dossiês. Fonte: Da autora, 2020.

Percebe-se que a segunda fase é marcada por estudos de diferentes ênfases, não estando mais os objetos de estudo ou estudos de caso concentrados exclusivamente no Museu Histórico Nacional. A ampla participação de autores externos também é uma característica desse segundo momento do periódico, surgindo uma modalidade não presente na primeira fase: a organização de textos por assunto, formando dossiês ou, como aparece descrito em alguns volumes, partes (Quadro 4). Destes volumes o menor possui 155 páginas (volume 27, de 1995, o primeiro dessa sequência) e o mais extenso 551 páginas (volume 40, de 2008, com 4 dossiês).

Quadro 4 - Dossiês dos volumes dos Anais do Museu Histórico Nacional (1995-2019)

VOLUMES	DOSSIÊS/ PARTES
v.30 1998	Dossiê Bicentenário de D. Pedro
v.32 2000	Fotografia Expressões da expansão luso-atlântica no Museu Histórico Nacional Numismática
v.33 2001	Coleção Centro de Referência Luso-Brasileira 2000-2001 Acervos – Indumentária
v.34 2002	Arquitetura Historiografia Museografia Potencialidades Acervos
v.35 2003	Cidade do Rio de Janeiro O papel dos museus na melhoria de vida do Rio de Janeiro Olhares sobre Gustavo Barroso O Rio no acervo do Museu Histórico Nacional Olhares sobre o mundo lusófono
v.36 2004	Museologia na prática Anais, nova série - dez volumes de sucesso Cultura Material – MHN
v.37 2005	Trajetórias do Patrimônio Museus e Tecnologia Objetos e construções simbólicas Cultura material no Museu Histórico Nacional
v.38 2006	Arqueologia Numismática Acervos Reserva Técnica dos Anais
v.39 2007	Pintura de História Museus e público jovem Conservação e Restauro

	Acervos Reserva Técnica dos Anais do Museu Histórico Nacional
v.40 2008	Comemorações Representação dos negros em museus Patrimônio Lusófono: ações educativas de valorização Acervos Reserva Técnica dos Anais do Museu Histórico Nacional
v.41 2009	José de Alencar Estudos sobre Imigração no Brasil Formação em Museologia - o caso da Bahia Reserva Técnica dos Anais do Museu Histórico Nacional
v.42 2010	Museu Histórico Nacional Museus e Turismo Reserva Técnica dos Anais do Museu Histórico Nacional
v.43 2011	Perspectivas teóricas sobre museus, patrimônios e coleções Museus e coleções Estudos Temáticos
v.45 2013	Patrimônio cultural coreano Práticas patrimoniais em cidades e museus brasileiros
v.49 2017	Mídias
v.50 2018	Museus, sujeitos e itinerários
v.51 2019	Educar e aprender em museus: perspectivas para o ensino de História

Fonte: Da autora, 2020.

Observa-se que muitos dos textos referentes ao Museu Histórico Nacional estão localizados nos dossiês temáticos, a exemplo dos títulos Expressões da expansão luso-atlântica no Museu Histórico Nacional (v.32 de 2000) e Cultura material no Museu Histórico Nacional (v.37 de 2005). O dossiê Reserva Técnica dos Anais do Museu Histórico Nacional aparece em mais de um volume (volumes 39 a 42, dos anos 2007 a 2010). Outro dossiê com recorrência é o intitulado Acervo (volumes 34 de 2002, 38 de 2006, 39 de 2007 e 40 de 2008), ressaltando que ainda há um volume com dossiê dessa temática mais especializado, denominado Acervos - Indumentária (volume 33 de 2001).

Bittencourt (2010) sugere a musealização dos Anais do Museu Histórico Nacional. Para o autor "[...] é preciso musealizar os Anais. [...] talvez seja a mais nobre forma de homenagear a publicação do Museu Histórico Nacional: colocá-la na trajetória da instituição" (Idem, p.18). Ao tomar por empréstimo a elaboração conceitual de Jacques Le Goff (2003) pode-se sugerir que o periódico enquanto monumento é elemento de perpetuação da trajetória do Museu Histórico Nacional, suporte de uma memória coletiva. Como documento é fonte de pesquisa que sob métodos científicos

permite identificá-lo enquanto produto dos agentes que o fabricou. Ao buscar aprofundar as duas perspectivas, na próxima seção propõe-se uma aproximação de três textos da primeira fase dos Anais que versam sobre educação em museus, um tema que no período estava em ênfase e que permite identificar tanto o contexto do campo dos museus como a atuação das agentes da instituição em meados do século XX, possibilitando refletir sobre os Anais na perspectiva documento-monumento.

3 DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO EM MUSEUS NOS ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL EM MEADOS DO SÉCULO XX

Essa seção é uma demonstração da apropriação dos Anais do Museu Histórico Nacional como fonte de pesquisa. Através da pesquisa “O campo dos museus brasileiro: uma História dos Museus a partir dos seus agentes”⁷, o periódico se tornou material de análise, especialmente a primeira fase seriada. Para esse exercício três artigos foram selecionados, tendo em comum o tema educação em museus. A partir deles, é possível explorar as funções atribuídas ao periódico. Os volumes dos Anais foram meio de disseminação das investigações e debates mais atualizados no Brasil e exterior do campo dos museus e de propagação do Museu Histórico Nacional enquanto instituição modelo, reforçando uma rede de saberes e práticas de trabalho oriunda de um pensamento em comum. As publicações do Museu Histórico Nacional causaram um impacto didático no modo de saber e agir dos museus brasileiros, especialmente os mais distantes da antiga capital que recebiam o periódico.

A cada imersão nos rastros pretéritos sobre o Museu Histórico Nacional percebe-se o quanto essa instituição foi concebida e gerida para se tornar uma importante representante da história da nação no âmbito cultural - sendo reconhecida também sob o título A Casa do Brasil - e um cenário central na legitimação do campo dos museus brasileiro. Esses dois movimentos fomentaram o caráter educativo do Museu Histórico Nacional, consolidado por diferentes agentes que tiveram papéis estratégicos na instituição: ora idealizador, ora gestor; ora estudantes do Curso de Museus, ora funcionários da instituição.

O idealizador e primeiro diretor do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso, deu o tom do compromisso educativo da instituição até o fim de sua gestão, em 1959,

⁷ A pesquisa “O campo dos museus brasileiro: um História dos museus a partir dos seus agentes”, iniciada em 2017 e em andamento, é cadastrada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e conta com bolsista BIC/UFRGS. A pesquisa busca a identificação dos agentes que se inseriram e legitimaram o campo dos museus brasileiro e os desdobramentos de seus projetos, tendo por ênfase aqueles com viés educativo.

considerado por ele “lições práticas de história nacional” (BRASIL, 1926, p.5). Através dos artigos publicados nos Anais do Museu Histórico Nacional, três profissionais da equipe destacaram a relação museu e educação na primeira fase das publicações do periódico: Nair Moraes de Carvalho, Sigrid Porto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf. As conservadoras de museus elaboraram um registro escrito que evidencia os debates e as experiências cada vez mais especializadas para o campo dos museus.

Nair Moraes de Carvalho teve sua trajetória na instituição intimamente ligada à temática da Educação: em 1935 iniciou no Curso de Museus, formando-se em 1936. Em 1937, foi nomeada interinamente para o cargo de Conservadora do Museu Histórico Nacional. Em 1944, tornou-se a primeira coordenadora do Curso de Museus, função que exerceu por 23 anos (SÁ; SIQUEIRA, 2007). Em 1945 Carvalho preconizou uma viagem técnica aos museus dos Estados Unidos no período de 19 de novembro de 1945 a 21 de fevereiro de 1946 sem ônus para o governo, tendo por objetivo conhecer o funcionamento das instituições americanas, em especial sobre a gestão de acervos, enfatizando a organização, catalogação, exposições e práticas educativas (CARVALHO, 1946).

Ao retornar ao Brasil, em um dos volumes dos Anais do Museu Histórico Nacional - mais precisamente o volume VIII publicado em 1957 (atribuído ao ano de 1947) - Nair de Moraes Carvalho escreveu o artigo intitulado *Papel Educativo do Museu Histórico Nacional* (CARVALHO, [1947] 1957). A proposta da autora era analisar o papel da educação nos museus, se apropriando das referências mais recentes para a área, ações segundo ela já postas em exercício no Museu Histórico Nacional desde sua fundação, em 1922. Para esta proposta, a autora dialogou com a publicação *Musées et Jeunesse* (1952), do Conselho Internacional de Museus (ICOM), composto por estudos de Germanine Cart (Museu do Louvre), Molly Harrison (Museu Geffrye de Londres) e Charles Russel (Museu de História Natural de Nova Iorque), prefaciados por Peter Floud e Georges-Henri Rivière.

A partir das referências de profissionais de museus da Europa, Inglaterra e América, Nair de Moraes Carvalho apresentou em um texto de 12 páginas algumas atividades educativas, ressaltando três possibilidades de idas escolares: dirigidas, com uma programação prévia estabelecida pelos conservadores; livres, realizadas com as indicações dos próprios professores; ou combinadas, dividida em dois momentos: uma visita dirigida para todo o grupo escolar e formação de subgrupos para estudos pontuais, posteriormente analisando os resultados de forma colaborativa. Segundo a autora, esta diversidade de visitas apresentadas internacionalmente era também encontrada no

Museu Histórico Nacional (CARVALHO, [1947] 1957), muitas delas acompanhadas pelo próprio diretor da instituição (Figura 5), apontamento que evidencia a busca de apresentar os debates mais contemporâneos do campo e, em paralelo, aproximar da realidade da instituição a qual estava vinculada, inserindo as práticas brasileiras no campo dos museus.

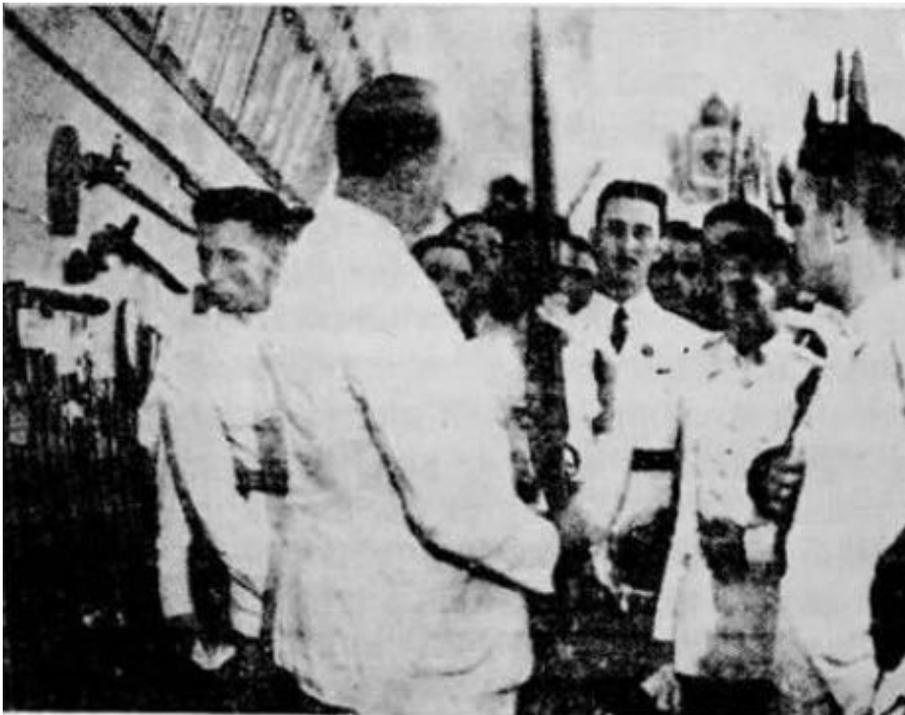


Figura 5 - Visita acompanhada pelo diretor Gustavo Barroso.
Legenda original: "Gustavo Barroso falando aos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras. M.H.N. 20 de fevereiro de 1942". Fonte: CARVALHO, [1947] 1957, p.22

Ao encerrar o artigo Carvalho ([1947] 1957) analisa que desde sua fundação o Museu Histórico Nacional definiu seu caráter educativo, refletido em inúmeras visitas realizadas pelo público para conhecer e aprender na Casa do Brasil. Embora tenha enfrentado obstáculos resultantes de escassez de recursos, a autora destaca que a instituição contribuiu não só para a educação *in loco*, mas também na defesa das relíquias esquecidas de todo o país através de suas iniciativas de ampla repercussão, como a Inspetoria de Monumentos Nacionais e o Curso de Museus, projetos que semearam, nas suas palavras, a *irradiação cultural* a partir do bem cultural (Idem, [1947] 1957). Assim, identifica-se que o periódico era também considerado veículo de promoção das ações institucionais, o potencializando enquanto matriz intelectual para os museus brasileiros (FARIA, 2013).

Encontra-se no quadro funcional do Museu Histórico Nacional outra funcionária que constituiu uma trajetória voltada para a educação em museus: Sigrid Pôrto de

Barros. A profissional se matriculou em 1947 no Curso de Museus, e o finalizou em 1949. Ao iniciar seus trabalhos no Museu Histórico Nacional em 1953, Barros foi uma das funcionárias que atuou de forma mais expressiva com o público, sendo recorrente sua citação nos relatórios anuais quando eram descritos o fluxo de visitação e atendimento; um dos desdobramentos desta iniciativa foi sua indicação para ser chefe da Seção de Pesquisa e Assistência Pedagógico-Museográfica da Divisão de Atividades Educacionais e Culturais do Museu Histórico Nacional em 1977 (SÁ; SIQUEIRA, 2007).

Um dos artigos publicados nos Anais do Museu Histórico Nacional que demonstra sua aproximação com a Educação foi o trabalho intitulado O Museu e a Criança, de 1958 (atribuído ao ano de 1948). Segundo a autora, “[...] os objetos das coleções deverão ser os elementos que darão vida e concretização aos fatos narrados em aula, e os alunos, passo a passo, viverão o passado, nas salas que percorrerem” (BARROS, [1948] 1958, p.49). No início do artigo, a autora evidencia um importante dado para a compreensão de todo o pensamento das práticas educativas realizadas no Museu Histórico Nacional, na primeira metade do século XX: enfatiza que, se antes os museus eram somente órgãos de preservação e pesquisa, no momento estes passaram a se articular com a Pedagogia, sendo um dos melhores meios usados pela Escola Ativa⁸ (BARROS, [1948] 1958).

Para os conservadores do museu que trabalhavam com visitas escolares, o Museu Histórico Nacional e os demais desta tipologia favoreciam significativamente o ensino de História, estimulando a percepção de que o presente é consequência do passado, sendo importante aguçar nos alunos a investigação e análise crítica dos fatos históricos. Mas, segundo Sigríd Pôrto de Barros, para este processo de produção de conhecimento ter sucesso, as crianças precisavam ter contato com somente o que necessitavam ver, sendo fundamental um prévio diálogo entre professor e o conservador de museus que conduziria a visitação. Na parceria entre os profissionais o grande objetivo era estimular os estudantes a “ouvir, observar, discutir, experimentar e comprovar” (BARROS, [1948] 1958, p.72), sendo este visitante orientado para se sentir seguro e, conseqüentemente, um multiplicador, passando a orientar futuras visitas com amigos e a família (Figura 6).

⁸ Segundo Clarice Nunes (1992), ao estudar as propostas da Escola Nova, em especial no Brasil, percebe-se que a perspectiva deste movimento constituiu-se, sobretudo, numa “estratégia política de secularização da cultura, [...] desvendando-lhe novas funções e finalidades na formulação de representações e práticas reestudadas” (NUNES, 1992, doc. eletr.), sendo um desses desdobramentos o alargamento da concepção de linguagem escolar, propondo uma construção de produção de significados para além do domínio oral e escrito.



Figura 6 - Contato dos visitantes com o patrimônio no Museu Histórico Nacional
Legenda original: "Grupo de alunos observa e interpreta livremente, objetos expostos na sala D. João VI". Fonte: BARROS, [1948] 1958, p.61

Para a autora (BARROS, [1948] 1958) o público escolar possui curiosidade, espontaneidade, desinibição e, para potencializar esta energia no ensino escolar o museu foi apontado como um instrumento capaz de despertar interesses e sensibilizar o gosto pela história. Esse artigo de 27 páginas é um registro do enfoque da educação em museus em meados do século XX: o público escolar. É reflexo de debates internacionais que avançaram por décadas no campo dos museus, que passou a ter enfoque no denominado *público curioso* (TRIGUEIROS, 1958), no qual o museu exerceria sua finalidade de educar o povo, estimulando, segundo o conservador de museus Florisvaldo dos Santos Trigueiros (1958), o respeito ao passado, a compreensão sobre os antepassados e a consciência do dever no desenvolvimento da humanidade⁹.

No volume XIII dos Anais do Museu Histórico Nacional, publicado em 1964, mas referente ao ano de 1952, Dulce Cardozo Ludolf escreveu o artigo intitulado Nova Diretriz para o Museu. Ludolf se matriculou no Curso de Museus em 1940 e, formada em 1941, tornou-se funcionária da instituição em 1942. No texto a autora valoriza em sua análise o museu enquanto centro de pesquisas e espaço de interesse, esclarecimento e instrução para os visitantes, potencializando a capacidade

⁹ Florisvaldo dos Santos Trigueiros matriculou-se no Curso de Museus em 1949, como bolsista pelo Estado da Bahia e publicou, em 1958, no ensejo do Seminário Regional da UNESCO no Brasil intitulado a Função Educativa dos Museus, o livro *Museu e Educação*. Para o autor o objetivo do livro era “[...] mostrar a importância que os museus adquiriram na última década, decorrente de total modificação na sua maneira de ser, passando a influir no processo educativo e a exercer papel na vida da comunidade” (TRIGUEIROS, 1958, p. 15).

educacional dos acervos. Nesta perspectiva a divulgação se torna um importante meio para o conhecimento do acervo e das suas atividades, pois valoriza instrumentos que divulgam as ações dos museus, tais como publicações, cursos, aulas, sessões cinematográficas e, em especial, as exposições.

O público passa a ter uma importância maior para os pesquisadores, e é com o intuito de interessá-los e esclarecê-los que eles se movimentam criando ambientes ao mesmo tempo atraentes e instrutivos e organizando palestras, conferências, visitas explicadas às suas várias galerias, etc. Esse trabalho denominado pesquisa educacional, estabelece os moldes em que devem ser organizadas as exposições, bem como os métodos mais incisivos de apresentação dos objetos (LUDOLF, [1952] 1964, p.193-194).

A pesquisa é dividida por Ludolf ([1952] 1964) em dois segmentos: a pesquisa do objeto e a pesquisa educacional. A pesquisa do objeto seria a primeira estratégia para o desenvolvimento da educação em museus, estabelecida, por esses agentes, como uma das atividades específicas do conservador de museus, uma vez que esse profissional aplicaria todos os seus conhecimentos, obtidos pela diplomação, na investigação do objeto na condição de patrimônio.

A pesquisa educacional seria a ligação entre a pesquisa do objeto e a divulgação, tendo por interesse a organização das exposições. Endossaria o que Ludolf ([1952] 1964) denominou de divulgação visual. A divulgação, para Trigueiros (1958), englobaria todos os recursos para atrair o público até o museu e tornar conhecido o seu acervo. Esse seria um segmento que articularia agentes de diferentes profissões com um propósito comum: desenvolver estratégias de projeção dos museus. Esse artigo, de 11 páginas, insere a educação como um caráter que atravessa o processo museográfico, que dá sentido à pesquisa e à divulgação. A publicação evidencia que a educação passou a ser validada no campo dos museus enquanto qualidade e função básica, característica que vigorará no campo a partir da segunda metade do século XX.

As três monografias selecionadas são um demonstrativo de como os volumes dos Anais do Museu Histórico Nacional eram utilizados enquanto instrumento de difusão de conhecimento para o campo dos museus, sendo um veículo que acompanhou os debates contemporâneos do tempo de cada produção. Tanto esse periódico como outros criados no período - como A Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Anuário do Museu Imperial e o Anuário do Museu Nacional de Belas Artes (BITTENCOURT, 2004) - são indícios de um amplo esforço pela legitimação do campo dos museus, trabalho que pelo exercício da escrita evidencia uma atuação dos profissionais comprometida com a preservação do patrimônio cultural e,

progressivamente, com a função social dos museus. Defende-se que os textos apresentados corroboram com a sugestão de Bittencourt (2010): a defesa pela musealização dos Anais do Museu Histórico Nacional, pois enquanto objeto, é produto histórico de agentes compromissados em proporcionar, por meio de relações objetivas, condições de autonomia do campo dos museus - sustentado pelo engajamento e regulação de atuantes desse campo que encontraram, na escrita, um espaço de partilha e articulação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impressos científicos são elementos relevantes para compreender o campo dos museus, pois foram considerados, desde os primeiros museus fundados no Brasil, instrumentos de difusão de conhecimento especializado entre os pares. Nos oitocentos e virada do século XX as revistas dos museus brasileiros eram focadas nas Ciências Naturais, e buscavam o compartilhamento gratuito de um conhecimento produzido nas instituições museais, em um movimento de validação dos museus enquanto espaço de pesquisa e promoção do saber. Ao longo do século XX, esse processo se ampliou e identifica-se também à produção de periódicos em museus históricos e artísticos que, por mais que possuíssem diferentes abordagens, tinham características em comum: a difusão científica, a distribuição gratuita e a especialização do conhecimento do campo dos museus.

Entre essas publicações destaca-se os Anais do Museu Histórico Nacional. Com 51 volumes até o ano de 2019, é uma evidência da trajetória da instituição que lhe cede o nome. Pode-se sugerir que o periódico era uma estratégia de projeção do Museu Histórico Nacional, o potencializando, especialmente para os museus históricos, como uma matriz intelectual do pensamento museológico brasileiro. Esse foi um movimento reforçado especialmente pelas autorias que assinaram as monografias, grande parte no momento das escritas em posições de funcionários do Museu Histórico Nacional e docentes do Curso de Museus, formação com diplomação vinculada a esta instituição.

Os três textos aqui selecionados, publicados em 1957, 1958 e 1964 que versam sobre educação em museus são exemplos de como era a operação de construção dos Anais na primeira fase de sua impressão: um instrumento de reflexão dos temas contemporâneos do campo dos museus e, concomitantemente, veículo de promoção institucional. A segunda fase, retomada em 1995, é marcada pelo compromisso

científico e acesso a temas de interesse coletivo do campo, consolidando áreas de pesquisa do campo museal.

Os Anais do Museu Histórico Nacional são uma fonte de pesquisa que possibilita investigações de diferentes abordagens para o campo museal: por temas, autorias e, especialmente, tomando o próprio periódico como objeto de estudo. Nesse sentido pesquisar o processo editorial, a composição dos textos, as características morfológicas do impresso são possibilidades de explorar esse veículo de comunicação que contribui para a legitimação da Museologia brasileira enquanto campo científico. Seus atuais 51 volumes se constituem como documento-monumento do campo museal e se faz necessário o constante exercício, em diferentes perspectivas, de investigar as condições de produção e apropriação dessas fontes históricas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. Do Museu para o Mundo: a circulação da revista Arquivos do Museu Nacional nos Oitocentos. In: Nelson Schapochnick; Giselle Martins Venancio. (Org.). *Escrita, Edição e Leitura na América Latina*. 1ed. Niterói: PPGHistória-UFF, 2016. p.796-810.

BARROS, Sigrid Pôrto. O Museu e a Criança. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. IX. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. p.46-73. [Volume atribuído ao ano 1948].

BARROSO, GUSTAVO. Memorandum aos Conservadores. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. XXIX. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Museu Histórico Nacional, 1997. p.291. [Regulamento para colaboração no VIII volume dos Anais].

BEZERRA, Rafael Zamorano. *A invenção das relíquias. Dispositivos de autoridade na musealização de objetos do acervo do Museu Histórico Nacional (1922 - 2012)*, 2014. 179p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BITTENCOURT, José Neves. Um museu em tinta e papel. Os Anais do MHN, 1940-1975. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. XXXVI. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ Instituto Brasileiro de Museus/ Museu Histórico Nacional, 2004. p.181-202.

_____. Uma proposta (talvez nem tão...) mirabolante. Pela musealização dos Anais do Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. XLII. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ Instituto Brasileiro de Museus/ Museu Histórico Nacional, 2010. p.13-23.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. *Relatório Anual do Museu Histórico Nacional - 1943*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1944a. 33p. [Arquivo Permanente].

_____. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. *Relatório Anual do Museu Histórico Nacional - 1948*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1949. 36p. [Arquivo Permanente].

_____. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. *Relatório com Dados Informativos das Atividades do Museu Histórico Nacional no período de 1930 a 1944*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1944[?]. 9p. [Arquivo Permanente].

_____. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Museu Histórico Nacional. *Relatório Anual do Museu Histórico Nacional em 1925*. Museu Histórico Nacional, 1926. 17p. [Arquivo Permanente].

CARVALHO, Nair de Moraes. *Cópia*, Rio de Janeiro, 1946. [Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Coleção Nair de Moraes Carvalho (NMC)/ Série Museologia I (1937-1946)/ Caixa 09, NMC2218].

_____. Papel Educativo do Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v.VIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. p.18-30. [Volume atribuído ao ano 1947].

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. *O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (1922-1958)*, 2013, 234p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. *História e memória*. 5.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p.525-539.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997. 369p.

LUDOLF, Dulce Cardozo. Nova Diretriz para o Museu. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. XIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p.189-200. [Volume atribuído ao ano 1952].

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Culto da Saudade na Casa do Brasil - Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. 142p. [Outras Histórias, 49].

_____. Os Anais do Museu Histórico Nacional como lugar de memória. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. XXXVI. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ Instituto Brasileiro de Museus/ Museu Histórico Nacional, 2004. p.103-116.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No Norte da Saudade: esquecimento e memória em Gustavo Barroso*, 2006, 271p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

NUNES, Clarice. A História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. *Revista Teoria & Educação*, n.06, 1992. p.151-182.

O QUE É. *Periódico nas nuvens*, s.d. Disponível em: <https://periodicos.emnuvens.com.br/o-que-e/open-journal-systems-ojs/>. Acesso em maio de 2020.

SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus - MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007. 258p.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamont/ MinC/ DEMU, 2006. 142p.

SOBRE A REVISTA. *Anais do Museu Histórico Nacional*, s.d. Disponível em: <http://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn>. Acesso em maio de 2020.

TRIGUEIROS, Florisvaldo dos Santos. *Museu e Educação*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958. 228p

Data de recebimento: 27.05.2020

Data de aceite: 11.09.2020